



GT 76. Risco, patrimônio e cidadania.

Coordenador(es):

Manuel Ferreira Lima Filho (UFG - Universidade Federal de Goiás)

Edmundo Marcelo Mendes Pereira (MN/UFRJ)

Risco, patrimônio e cidadania. Manuel Lima Filho (MA/UFG); Edmundo Pereira (MN/UFRJ). A produção e gestão do risco vêm crescendo como fenômeno e chave analítico-investigativa, articulando campos disciplinares científicos, técnicos e jurídico-administrativos. Diversas áreas têm salientado como o conceito condensa agendas ambientais, tecnológicas, humanitárias e patrimoniais como “sociedades de risco”. As reflexões se concentram nas condições sociais e históricas de produção diferencial da vulnerabilidade, ou de “culturas do risco”. Etnografias de situações de risco, de eventos críticos catastróficos, de operações de resgate e processos de reorganização social pós-desastre têm imbricado economias políticas de distribuição da vulnerabilidade. Agentes do desastre - ‘curtos-circuitos’, ‘sirenes desligadas’, ‘hidrantes sem água’, ‘falhas humanas’, ‘quebras de protocolo’ - configuram pontos culminantes de processos de produção do risco. O GT objetiva reunir etnografias de situações de risco, de desastres, de processos de resgate e (re)construção patrimonial de instituições museais, bibliotecas, centros culturais, acervos históricos, artísticos e científicos, entretecendo dimensões pessoais, comunitárias e institucionais e reunir investimentos no mapeamento da diversidade definitiva da noção de risco, das narrativas e idiomas do desastre como expressões de cidadanias culturais e patrimoniais, dos debates sobre reconstrução e tombamento de ruínas e coleções desaparecidas

Fogo nas aldeias e no museu: um paralelo entre desastres ambientais e patrimoniais

Autoria: Marília Caetano Rodrigues Moraes (UNB - Universidade de Brasília)

O presente work pretende construir uma articulação entre estudos de coleções de etnologia e antropologia do risco/desastre. Tomo como ponto de junção/encontro um tema que tem permeado minha experiência etnográfica de pesquisa junto a professores indígenas do povo iny; Karajá (MORAIS, 2018) e que consegue interligar diversos aspectos relacionados ao estudo da bykyrè (esteira) e da coleção William Lipkind (1938) do Museu Nacional (RJ): o fogo. No estudo sobre a bykyrè, o fogo se fez presente na preocupação que os iny; demonstraram ter em relação aos incêndios que todos os anos atingem a Ilha do Bananal, que, provocados nos arredores das aldeias, diminuem o acesso a juncos e aguapés, onde ficam os buritizais, e influenciam na produção e circulação das esteiras, entre outros artefatos feitos a partir da palha do buriti, bem como dos conhecimentos e técnicas relacionados a cada um deles. Por outro lado, o fogo apareceu, também, no incêndio que em 2 de Setembro de 2018 atingiu o edifício histórico que abrigava o Museu Nacional (RJ) e destruiu fisicamente inúmeras coleções, dentre elas aquelas que foram produzidas pelos antepassados dos professores e pesquisadores iny; com os quais dialogo. No período entre janeiro e agosto de 2019, foi registrada a presença de 1256 focos de queimadas apenas na Terra Indígena Parque do Araguaia (Ilha do Bananal, TO). A região é um ponto estratégico para adentrar a Amazônia e o interior do Brasil, especialmente devido a navegabilidade do Rio Araguaia. O que colocou os iny; diante de diferentes frentes de colonização e projetos políticos desenvolvimentistas (LIMA FILHO, 1994). Ainda hoje são intensos os conflitos fundiários e sócio/ambientais entre indígenas, fazendeiros, políticos, pequenos produtores/camponeses e órgãos indigenistas e ambientais, com destaque para a ameaça representada pelo agronegócio em torno das discussões em torno construção e pavimentação da Rodovia Transbananal (TO-500). Busco tomar o tema do fogo para entender mais sobre a relação dos iny; com o ambiente, pensando na produção e circulação de artefatos e conhecimentos (BARTH, 2000). Recorro a múltiplas versões de narrativas mitológicas para



entender o lugar do fogo na cosmologia iny. Para tecer a relação aldeia-museu, me proponho um paralelo entre desastres ambientais e patrimoniais, no sentido de desvelar a lógica que opera por trás desses eventos?. Explorando o potencial político das catástrofes (BECK, 2010), busco refletir sobre a lógica de um estado que queima florestas e museus em favor de determinadas projetos de desenvolvimentismo econômico, produzindo e distribuindo de forma desigual riscos e ameaças entre grupos específicos, legitimando a lógica da necropolítica, da colonialidade e do genocídio de populações e grupos étnicos.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: